

Vernacularidade na Arte Visual: uma busca pela espontaneidade na expressão artística

*Vernacularity in Visual Art: a search for spontaneity
in artistic expression*

Isaac Antonio Camargo*

Resumo: Este trabalho decorre de investigações desenvolvidas no intuito de estabelecer relações entre a espontaneidade/vernacularidade e a erudição/normatividade na expressão artística. O principal interesse é, a partir da questão da Vernacularidade, identificar pontos de convergência e/ou divergência sobre a expressão artística que possam ampliar a reflexão a este respeito e contribuir para o conhecimento sobre a Arte como um todo.

Palavras-chave: Arte Visual. Vernacularidade. Espontaneidade.

Abstract: *This work stems from research developed in order to establish relationships between spontaneity/vernacularity and erudition/normativity in artistic expression. The main interest is, from the question of Vernacularity, to identify points of convergence and/or divergence on the artistic expression that can broaden the reflection in this respect and contribute to the knowledge about the Art as a whole.*

Keywords: *Visual Art. Vernacularity. Spontaneity.*

* Docente dos cursos de Artes Visuais – Licenciatura e Bacharelado - do Centro de Ciências Humanas e sociais da UFMS; isaac_camargo@hotmail.com

As manifestações artísticas são diferentemente motivadas ao longo da história, por um lado, são decorrentes das idiossincrasias, interesses e tendências pessoais daqueles que produzem arte e por outro, pelas demandas sociais nos diferentes momentos e locais nos quais a Arte Visual se manifestou na história.

Vernáculo vem do latim *vernaculum*, cuja origem é *verna*, denominação que se dava ao escravo nascido na casa do senhor o que, por extensão, define sua vinculação ou pertencimento a um dado grupo. No contexto da língua, vernáculo se refere ao idioma nascido numa região, definindo o pertencimento a um grupo por meio do idioma regional ou nacional gerando uma identidade com características próprias e peculiares.

No decorrer desta pesquisa, constatamos que a discussão sobre o contexto Vernacular ocorre com maior frequência em relação à Arquitetura e ao Design, na Arte Visual poucas publicações na área foram encontradas. Por conta disso as reflexões aqui relatadas foram desenvolvidas a partir da base conceitual encontrada fazendo as relações necessárias para dar a este ensaio uma configuração capaz de ampliar o repertório sobre a questão da Vernacularidade na Arte Visual.

A partir do exposto, entende-se que a ideia de Vernacular se refere às manifestações originárias de um dado contexto cultural determinantes de suas características formais como a aparência e o estilo e também aos aspectos conceituais e às propostas ou proposições capazes de gerar identidade para um dado grupo ou contexto civilizatório amparado em seus aspectos antropológicos, étnicos, sociais e regionais.

Na busca da compreensão do proposto ao observarmos a relação entre os processos de criação que motivaram a expressão artística desde seus primeiros momentos e seus consequentes desdobramentos, foi possível identificar, pelo menos, duas vertentes. Uma delas é o entendimento de que as manifestações artísticas, quaisquer que sejam, podem surgir de maneira espontânea no contexto social; a outra, embora tenha se originado também no contexto Vernacular, é aceitar que a partir da anterior, ocorrem processos de transformação por meio do desenvolvimento de técnicas e tecnologias

tornando-as mais elaboradas, mais eficientes e também eruditas, tal desenvolvimento determina tanto a especialização quanto a sistematização dos meios expressivos e, por consequência, seu afastamento da origem, portanto, o seu afastamento ou desligamento da Vernacularidade.

Portanto a questão que instiga esta discussão é verificar **se e em quais** manifestações da Arte Visual, a partir do advento da Modernidade, ainda subsistem aspectos Vernaculares.

No começo era a natureza...

Nos seus primeiros tempos o ser humano dependia, para sua sobrevivência, exclusivamente do meio ambiente, de onde retirava tudo para o seu sustento. As atividades de coleta, de pesca e de caça eram as únicas com as quais contava para poder se alimentar e sobreviver já que ainda não conhecia os processos de lavrar a terra ou do pastoreio para auxiliá-lo em sua manutenção.

Viver na natureza e da natureza era a única possibilidade. Aos poucos, além de se apropriar do meio passou a transformá-lo para melhor atendê-lo. A apropriação de um galho de árvore para deslocar uma pedra ou desprender uma raiz do solo pode ter sido sua primeira ferramenta: uma alavanca. Daí prover este galho de uma pedra para aumentar sua potência como machado, martelo e também arma, foi uma consequência lógica. Assim ele aprende que é possível transformar o meio e adaptá-lo às suas necessidades, dar forma e funções às coisas para torná-las mais eficientes e adequadas aos seus interesses. Em relação à Arte podemos seguir o mesmo raciocínio.

Num dado momento, ele percebe que suas necessidades vão além das materiais e começa a elaborar imagens. São imagens as primeiras formas de manifestação artística que chegam até nossos dias e nos informam sobre certas características daqueles primeiros seres humanos. Ao que parece tais imagens estavam relacionadas à sua sobrevivência: quer fossem vinculadas a questões da procriação, fertilidade ou, quem sabe, até mesmo ao erotismo como é o caso das pequenas esculturas femininas, batizadas

inadequadamente de Vênus ou das esculturas, desenhos, incisões e pinturas realizadas no interior das cavernas onde se protegia dos rigores da natureza nas quais mostravam animais típicos das regiões por onde perambulava e dos quais dependia para seu sustento por meio da caça. Isto gerou as hipóteses conhecidas e recorrentes ao sobrenatural como os rituais de magia simpática de fertilidade e propiciatórias. Portanto, criar imagens passa a ser um traço da personalidade e característica humana, mais tarde, chamada de Arte.

É possível defender que essas primeiras manifestações artísticas eram espontâneas, naturais e livres de quaisquer imposições sociais já que os primeiros grupamentos humanos eram nômades e sua organização era tribal, logo, os regramentos eram incipientes. Sua relação com o meio ambiente e seus semelhantes era praticamente intuitiva e o que de fato importava era a sobrevivência e tudo o que ela ditava.

Para criar aquelas primeiras imagens ele se apropriava daquilo que estava no entorno ao seu alcance como madeira, pedras, ossos, argila, vegetais, minerais, gordura, excrementos e outros elementos disponíveis no seu entorno e os usava e transformava por meio das mãos, de rudimentos de ferramentas e instrumentos como lascas de pedra, madeira, fibras e o que mais encontrasse para dar forma a figuras humanas, animais e demais abstrações. Pode-se dizer então que este tipo de comportamento espontâneo é o que estamos aqui chamando de Vernacular, instaurado por meio da apropriação e transformação rudimentar e oportuna daquilo servisse aos seus fins expressivos; e que é por meio da artesanaria que nasce a Arte.

Saltando da Pré-história e para a Antiguidade, os modos de fazer Arte não mudaram tanto, mas os fins e funções daquilo que se fazia sim mudaram bastante. Pode-se entender que se naqueles primeiros momentos a Arte atendia às necessidades primárias do ser humano, a partir das antigas civilizações ela passa a ser mantida e a atender os interesses do poder e ser dirigida e orientada por ele, neste sentido, perde a espontaneidade que a instaurara nos primeiros tempos mas ganha notoriedade.

A Arte a serviço...

Saindo das cavernas a Arte passou a integrar os palácios, templos, túmulos e também o ambiente público e urbano. O seu diálogo deixa de lado o aspecto sobrenatural e transcendental e se torna mais pragmático ao relatar as façanhas dos poderosos, sua capacidade bélica, econômica e dominadora. Os grandes impérios da Antiguidade como dos Assírios, Persas, Cretenses, Egípcios, Gregos e Romanos foram consagrados e consolidados por meio das Obras de Arte por eles determinadas e construídas. Os monumentos arquitetônicos passam a falar por meio da Arte nos entalhes, nas esculturas e nas pinturas. Relatos de reis e heróis passam para a história por meio da Arte e, portanto, ela não podia mais ser espontânea e desinteressada, mas dirigida para cumprir os fins últimos da dominação.

A partir da Antiguidade as manifestações artísticas deixam de lado a espontaneidade e passam a ser realizadas segundo certas normatizações. Um exemplo claro disso é o da Arte Egípcia cujo sistema era tão regrado que só depois do encontro da Pedra de Roseta por Jean-François Champollion descobriu-se que os signos típicos das manifestações egípcias não eram um código e sim sua escrita. Os cânones gregos também eram sistemas organizados de expressão que destituíam a individualidade em busca da hegemonia e da idealização, atitude herdada pelos romanos. Interessante é notar que os romanos introduziram o retrato, ou seja, uma imagem que se assemelhava ao ser humano representado e, deste modo fugiram um pouco da representação idealizada investindo mais ainda na habilidade e capacidade mimética requerida do artista em oposição à hegemonia exigida do artesão.

O Império Romano usou a Arte como seu cartão de visita ou de dominação, a construção dos Fóruns Romanos nas regiões que ocupava marcava sua presença ao mesmo tempo em que afirmava a presença de seus líderes. A expansão do Império Romano serviu também para dar visibilidade a um tipo de manifestação artística chamada, mais tarde de Clássico Greco-romano que inspira na Idade Moderna o Renascimento Italiano, funda as Academias de Arte e dura até as Belas Artes francesas do Neoclássico. Pode-se dizer que na Idade Medieval houve uma espécie de surto de

espontaneidade. As exigências normativas eram menores em termos visuais, mas rígidas em termos religiosos e espirituais. Neste aspecto, as manifestações artísticas são mais afetivas e menos normatizadas ou miméticas. Não há regras para seguir em prol de um estilo dominante, entretanto há uma preocupação maior em torno da espiritualidade e religiosidade impostas pelo domínio cristão que se torna a regra geral do novo Império Romano bem como de seus desdobramentos em Bizâncio e depois nas outras regiões europeias onde predominam o Românico e depois o Gótico.

Há também a preocupação, expressa pelo papa Gregório Magno I, de que a Arte Visual devia fazer pelo analfabeto o que o texto fazia pelo alfabetizado, logo as imagens eram portadoras de informação e meios de comunicar a vida de Cristo e dos mártires aos fiéis. Pode-se dizer então que o “estilo” medieval tinha mais a ver com a compreensão por parte da população, daí surge um modo mais despojado e compreensível afastando-se da demonstração de habilidades e performances dos artistas em revelar suas competências.

No período medieval, embora os artistas não conquistem notoriedade nem o reconhecimento de seu trabalho, revelam sua dimensão mais humana pois não são as normas que dominam seu trabalho, mas a convicção de que são capazes de incutir no seu público o receio da perda do paraíso, o medo do inferno e a esperança como promessa de salvação pela fé.

Entretanto, a questão da Vernacularidade não é o principal aspecto destas manifestações na medida em que os artistas se organizam por meio das Guildas, as corporações de ofício de suas especialidades e seguem as condutas prescritas pelos seus pares em relação ao caráter técnico de suas obras e não estéticos. A liberdade do fazer não é integral, mas parcial. Há traços de sua individualidade, mas sacrificada em troca da proposição religiosa que rege a ornamentação e decoração do ambiente.

No Renascimento há um distanciamento razoável da espontaneidade. O uso de regras, seja de composição ou criação de ilusão ótica, como a perspectiva geométrica decorrente dos estudos sistemáticos sobre a geometria a partir da matemática, o uso do chamado *sfumatto* e o *chiaroscuro* por Da

Vinci, instauram procedimentos mais artificiais em busca de um mimetismo mais eficiente no contexto da expressão artística o que retira mais ainda a espontaneidade deste processo na medida em que o ilusionismo busca revelar as habilidades performáticas dos artistas como as de Michelangelo, Raphael, Da Vinci entre outros.

Consequência disto é o surgimento, na Alta Renascença, das Academias de Arte que se propõem a instruir os artistas não apenas no contexto das habilidades técnicas, mas também incluem aspectos relevantes do humanismo como a filosofia e a história. As academias sintetizam o pensamento clássico e definem o que se entende por Arte a partir do Renascimento, considerando que a ideia de Renascimento toma por pressuposto a recuperação do modelo clássico greco-romano, portanto, busca a hegemonia do pensamento a partir de um referencial cultural ancestral que alega o pertencimento a um modelo com vocação histórica e tradicional.

Em vista disso, a Vernacularidade não é algo que faça parte deste momento histórico e é justamente a erudição que se configura como parâmetro balizando os artistas em busca de uma hegemonia estética sem precedentes na história pregressa.

Se levarmos em conta que o desdobramento da Renascença se configura inicialmente por meio do Maneirismo e posteriormente através do Barroco e o Rococó francês, tanto uns quanto outros são estratégias discursivas de base erudita que dependem de aprendizado rígido e sistemático descartando, por consequência, a espontaneidade, logo, a questão Vernacular está fora de pauta.

Intensificando este panorama, o início do século XIX vai reforçar esta proposta ao consolidar na França o Neoclassicismo, traduzido na formação instituída pelas academias de Beaux Arts que é a Erudição em toda sua essência.

As manifestações que concorrem com o Neoclassicismo, como o Romantismo e o Realismo, embora rezem na cartilha da tradição acadêmica, buscam a ruptura em relação aos aspectos temáticos, especialmente

recorrendo ao contexto social em detrimento aos mitológicos, históricos e epopeicos. Portanto, continuamos distantes do Vernáculo.

A Erudição proporcionada pelo ensino de Arte das Academias é um atestado de racionalidade e lógica, extremamente afastada da espontaneidade e da expressão livre e desinteressada sob este aspecto só vamos recuperar parte dela a partir das condutas que habituamos a chamar de Modernistas.

O Modernismo e a Vernacularidade

Voltando à questão das duas Vertentes, colocadas anteriormente, elas estão bem definidas no contexto do Design: uma que se manifesta espontaneamente, livre de regras e que contempla as manifestações historicamente identificadas como artesanais, étnicas e populares e outra a que se manifesta mediante processos e sistemas instituídos por procedimentos ordenados pela sociedade contemporânea, esta é a que melhor atende as demandas econômicas e culturais decorrentes desta área de especialidade já que a espontaneidade está ligada aos procedimentos pouco eruditos ou populares, folclóricos e artesanais, ou seja, alijados do Sistema de Arte vigente.

A proposta que orienta este recorte investigativo é a de abordar a relação entre estas duas vertentes com vistas a estabelecer diferenciais e referenciais mais precisos em relação ao próprio conceito de Vernacular e, por meio de análises comparativas, identificar pontos de confluência e divergência entre as duas no intuito de clarear a compreensão de cada uma delas, contribuindo assim para a conceituação e a sua compreensão como um todo.

Observa-se que no campo da Arte, de modo geral, o uso do termo *Vernacular* tem sido aplicado para identificar manifestações que se diferenciam do processo contemporaneamente sistematizado nesta área. Tais manifestações como frutos de condutas naturais e espontâneas podem, dentro de uma acepção mais aberta, serem consideradas legítimas e aceitas por não seguirem os preceitos técnicos e estéticos vigentes. Neste sentido, para a Arte erudita tais manifestações se opõem ou se contrapõem àquelas realizadas em seu contexto já que pelos seus critérios só tem sentido o desenvolvimento da

Arte hegemônica, ordenada segundo os processos consolidados por um sistema ideal.

Entende-se também que o desenvolvimento da Arte no século XX, iniciado pela égide da Modernidade, ao mesmo tempo que trouxe o experimentalismo como método discursivo, também recebeu de braços abertos as inovações técnicas e tecnológicas que proporcionaram o surgimento de novos materiais. Novas tintas e pigmentos, resinas, recursos gráficos e de impressão passaram a fazer parte dos domínios da Arte Visual juntamente com os materiais e recursos tradicionais.

O diálogo entre o óleo e o acrílico proporcionou novas soluções plásticas e estéticas, assim como as técnicas de gravura tradicionais como a Xilo, Metais e ácidos passaram a dialogar com fotogravuras gerando impressões por meio de chapas em impressoras offset. O surgimento da Fotografia, do Cinema, sucedidos pelo vídeo e pelas imagens digitais também trouxe desafios para os artistas ao mesmo tempo em que colocavam em xeque os procedimentos tradicionais e, principalmente, a espontaneidade já que os aportes tecnológicos como a fotografia, o cinema, o vídeo e as tecnologias digitais tendem mais despersonalização autoral do que os traços pessoais marcados na materialidade dos suportes, nos materiais, nos gestos e na motricidade das mãos de quem cria... ou criava...

É correto dizer que a Arte, entendida no contexto Vernacular não segue necessariamente as regras institucionalizadas, ela própria é que define seus meios de produção. Nesta linha de raciocínio é possível perceber uma dicotomia entre estas duas possibilidades produtivas: de um lado o processo Erudito ou Institucionalizado, vigente na sociedade organizada e influenciado pelo desenvolvimento tecnológico e, de outro, o processo Espontâneo ou Popular que sobrevive e se mantém como uma alternativa à hegemonia do sistema institucionalizado. Embora ambos atuem de modo semelhante, ocupam níveis e nichos distintos e distantes social e economicamente um do outro, definindo dois universos conceituais e pragmáticos diferentes entre si, daí a pertinência da tentativa de delinear com mais especificidade esta

conceituação para não perdermos totalmente o ato criador original da “artisticidade”.

Primeiramente podemos buscar distinguir entre um e outro tipo de manifestação artística, entretanto, não há dúvida de que é possível defender a ideia do surgimento espontâneo e natural mediante a necessidade humana de criar, transformar, interferir e interagir com o meio ambiente em função de melhor adequá-lo à sua existência, neste sentido, o surgimento da Arte é uma coisa natural e a espontaneidade é o seu elemento instaurador e, como dito, seu ato criador original. Nesta linha de raciocínio é possível caracterizar a origem da Arte como Vernacular, ou seja, como algo próprio e inerente ao ser humano, cuja ocorrência independe de condicionantes culturais pré-existentes, ou seja, na medida em que há necessidades a serem atendidas, surgem soluções práticas para resolvê-las. Desde os primórdios da humanidade, mesmo os atos mais simples como a adaptação de um galho de árvore para mover uma pedra, por exemplo, ou a transformação da argila em cerâmica para usá-la como recipiente para diversos fins e mesmo o uso da sílica como base para a memória de computadores na atualidade segue o mesmo princípio. Tais atitudes definem a tendência humana de apropriação, transformação, modificação, criação e intervenção no meio para melhor qualificar sua existência.

Com o passar do tempo o campo da Arte foi se tornando uma área de especialidade, baseada em constructos, concepção, conceitos, métodos e processos próprios consolidando-se dentro das demais atividades econômicas presentes no contexto social e, deste modo, se afastou de sua origem natural e da espontaneidade que a caracterizava inicialmente. É correto afirmar que, hoje em dia, há consenso no entendimento de que o processo de expressão artística que vigora no ambiente social contemporâneo se caracteriza pela Erudição. Tal compreensão se baseia, em boa parte, no processo de formação acadêmica, instituída por meio da educação formal e regular, na qual se instaura e desenvolve a preparação destes profissionais na atualidade. O reconhecimento deles ocorre, no meio social, na medida em que se inserem no universo da produção e distribuição legitimando sua presença como parte integrante e integral do sistema social e econômico vigente assumindo o

caráter convencional, por isso, a identificamos como Arte Erudita ou Institucionalizada.

Ao se especializar a Arte deixou de lado a espontaneidade e passou a ordenar-se segundo as normativas e regramentos necessários ao diálogo com as demais instâncias participantes do sistema de Arte. Amparada, em parte, na mídia de informação e comunicação por meio de estratégias de difusão e mercantilização, passou a seguir um roteiro previamente estruturado na lógica de mercado para a produção, distribuição e comercialização de bens no mundo contemporâneo se afastando de suas raízes Vernaculares. Entretanto, as manifestações mais espontâneas não desapareceram, apenas ficaram restritas aos circuitos paralelos ou marginais e alternativos em relação à sociedade hegemônica ocorrendo em núcleos mais informais da sociedade como os populares, folclóricos, artesanais e étnicos.

A partir destas constatações é possível levantar algumas perguntas importantes: Se o ato de criar, de conceber, de construir e produzir coisas é algo natural ao ser humano, não seria antinatural a sistematização e regulamentação instituída pelo sistema de Arte atual? Ao destituir a naturalidade, a espontaneidade, o sistema atual não teria subvertido a lógica da criação em prol da lógica de mercado? O desenvolvimento de métodos e processos conceptivos, produtivos e distributivos não teria embotado a criatividade, tão necessária ao processo constitutivo da Arte como tal?

A busca de respostas para estas perguntas se inicia pela constatação de que há uma dicotomia instaurada colocando em confronto duas questões importantes nesta área: de um lado a da liberdade de criação e de outro a necessidade de sistematizar tais processos, mantendo-os dentro de um modelo que descarta em grande parte sua espontaneidade. Entretanto é possível perceber que, independente do entendimento do ato criativo como elemento fundador, o processo criativo sempre foi sustentado pela necessidade de encontrar soluções compatíveis com as demandas humanas e as circunstâncias sociais nos quais ele surge.

Nas diferentes comunidades, períodos e situações em que este ato criativo aparece, sendo ou não ordenado pela espontaneidade ou pela

institucionalização, pode-se dizer que em ambas as situações há uma clara dependência da capacidade conceitual do ser humano e, neste sentido, não há porque estabelecer qualquer restrição de ordem cultural, conceitual ou técnica, que limite ou valorize um procedimento em relação ao outro; tanto a Arte Espontânea quanto a Erudita são autônomas e compatíveis com os contextos sociais nos quais surgem e se desenvolvem, logo, ambas são legítimas como processo cultural.

Se, de um lado, há uma tendência da elite consumidora em diminuir o valor daquilo que é feito de forma artesanal considerando, entre outras coisas, que por ser realizado por pessoas que não têm acesso à educação formal e não dominar os códigos da sociedade hegemônica, não são passíveis de serem considerados como produtos relevantes, tal atitude mostra mais o preconceito do que a razão. Do mesmo modo que, para alguns puristas, a produção contemporânea também carece de valor cultural na medida em que despersonaliza o indivíduo e o torna vítima de um sistema econômico no qual o caráter ou a identidade tem menor importância, isto também evidencia certo preconceito. Como se percebe, tanto de um lado quanto de outro, é possível tecer críticas negativas ou positivas.

Ao observarmos o percurso do ser humano, no que diz respeito aos inventos e processos expressivos, vamos perceber que as tentativas de facilitar e de tornar melhores as suas criações sempre estimularam suas ações em todos os momentos da história. Tornar algo mais útil, mais eficiente ou mais eficaz, como também mais agradável ao olhar, ao toque ou ao espírito, motivou-o a fazer e refazer várias vezes as mesmas coisas, testando vários princípios, possibilidades e soluções em relação a materiais, formas, aparência, finalidade ou aplicação. Na medida em que novos materiais surgiam, novas possibilidades técnicas também surgiram. A possibilidade de realizar obras livres das limitações e constrangimentos que os materiais originais proporcionavam foi um ganho substancial nos processos de criação.

Isto posto percebe-se que a tarefa do artista Erudito ou Institucionalizado não é tão simples como poderia se pensar em relação ao artista Natural ou Espontâneo. A Erudição exige o domínio de conhecimentos de diversas áreas,

bem como, conceitos, técnicas, tecnologias, processos e procedimentos que levam em conta características sociais e econômicas ao conceber formas, e destino de suas criações, já que seu conhecimento disponibiliza meios para melhor conceber seu trabalho comprometido com a contemporaneidade e suas condicionantes sociais.

O dilema entre o Erudito e o Espontâneo norteou grande parte das proposições que surgiram no contexto do Modernismo. A liberdade reivindicada pelos artistas recusados nos salões oficiais motivou o surgimento de manifestações artísticas marginais, ou seja, que não coadunavam com o esperado pelo sistema vigente na sociedade burguesa ou com a crítica que a ela servia.

A ruptura com a hegemonia da Arte começa com o Romantismo quando os artistas passam a considerar a afetividade, a emoção como mola propulsora de suas criações; quando o Realismo recorre às questões sociais como temas de seus trabalhos à despeito de colocar em cena os subalternos da burguesia dominante. O desafio à lógica social e econômica coloca os artistas modernos na berlinda e os distancia cada vez mais do mercado de Arte.

O Impressionismo, entendido como a reversão da lógica expressiva onde o tema e o acabamento são ignorados em detrimento da impressão cromática proporcionada pelos efeitos luminosos no ambiente, subverte os valores convencionais da Arte e cria um impasse sem precedentes. É na esteira desta ruptura que se pode admitir novas proposições, experimentações e soluções plásticas e conceituais. No contexto do Pós-impressionismo surge uma das primeiras manifestações capazes de reconhecer o espontaneísmo como valor estético e conceitual.

É na pessoa de Henri Rousseau que a espontaneidade retorna ao contexto da Arte Visual no século XIX. O Aduaneiro, como era chamado, era um pintor autodidata cujas características de suas obras, simplistas e infantis, lhe rendem o título de Naïf ou, traduzindo, Ingênuo. Esta ingenuidade é a característica que o define no ambiente da Arte Pós-impressionista e instaura uma nova atitude.

Obviamente sua inserção no circuito de Arte daquela época não ocorre naturalmente, as críticas já contundentes contra as atitudes Modernistas também lhe são atribuídas, entretanto, por sua perseverança o espaço para a Arte Ingênua é garantido a partir de então.

Pode-se dizer então que a Vernacularidade encontra uma fissura pela qual é possível se inserir no contexto da Arte Moderna e isto garante os seus desdobramentos no contexto do século XX e na Arte Contemporânea.

As diferentes vertentes que surgiram por conta do advento da Modernidade desde o final do século XIX, possibilitaram aos artistas recorrerem às mais diversas proposições. As chamadas Vanguardas Históricas investiram em várias frentes estéticas e deram visibilidade a muitos “ismos” desde o Impressionismo, entre eles o Expressionismo, Fauvismo, Futurismo, Cubismo, Dadaísmo, Surrealismo, Construtivismo tal era a diversidade estética que reinava a partir de então e que também possibilitava aos artistas intensificar a busca pela liberdade expressiva, criativa, pelo experimentalismo e, acima de tudo, a autonomia da expressão artística.

A “ingenuidade” atribuída às obras de Rousseau se contrapunha à racionalidade expressiva que a tradição havia ensinado mas, paralelamente, haviam outras “libertações” em curso: o Expressionismo e o Fauvismo que abriam mão da anatomia e da natureza; o Futurismo e o Cubismo que abriam mão da espacialidade naturalista; o Dadaísmo que abria mão das convenções numa atitude de completa negação das regras; o Surrealismo que instaura a imaginação e o sonho como metas e temas nas suas obras destituindo de vez a realidade visível e plausível. Todas estas atitudes tinham, por pressuposto, uma carga afetiva intensa que as colocava numa distância razoável em relação à racionalidade Clássica. É, portanto, a Modernidade que possibilita a aproximação com o Vernacular nas expressões contemporâneas e faz desta recuperação do espontâneo uma possibilidade presente até os dias atuais.

Uma fala atribuída a Picasso representa bem no contexto do Modernismo, as atitudes em busca da espontaneidade: “Quando eu tinha 15 anos sabia desenhar como Rafael, mas precisei de uma vida inteira para aprender a desenhar como as crianças”, (VASCONCELOS, 2007). Mas não é

apenas Picasso que tem uma predileção pela busca da espontaneidade, vamos ver isto também em Paul Klee, Kandinsky, Miró, Chagal entre outros Modernos que tomam por meta a busca da simplicidade e singeleza.

Outra questão que tem relação direta com tais manifestações é a descoberta na década de 40 do século passado, feita por Jean-Phillipe Dubuffet ao conhecer a pesquisa do psiquiatra alemão Hans Prinzhorn publicada em 1922 no livro “Arte dos doentes mentais”, desenvolvida na Universidade de Heildelberg, na qual os pacientes realizavam trabalhos em Arte Visual como terapia cujo texto apresenta aspectos das doenças mentais, a autoexpressão e expressão artística. O encantamento provocado em Dubuffet por essas obras faz com que, em 1945, cunhe o termo Art Brut para identificar as obras de artistas que não se adequavam aos padrões estéticos vigentes no sistema de Arte. Ele próprio assume esta postura estética na sua produção passando a ser um defensor e porta-voz desta proposta. Em 1948 funda a Companhia de Art Brut, mais tarde, em 1976 funda o Museu Coleção de Art Brut na Suíça dedicado a este tipo de trabalho.

A partir de Dubuffet, a tendência de associar a expressão de pessoas portadoras de doenças mentais com os pressupostos da espontaneidade na Arte é recorrente. No Brasil, também na década de 40 do século passado, o trabalho de Nize da Silveira junto ao Centro Psiquiátrico Nacional Pedro II, no Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro cria a “Seção de Terapêutica Ocupacional e Reabilitação” (STOR), cujo resultado leva à criação, em 1952, do Museu do Imaginário composto pelo conjunto de obras dos pacientes daquela clínica. Em 1956 funda a Casa das Palmeiras, ambiente voltado exclusivamente aos pacientes com patologias mentais, chamada de “Arte Virgem” pelo crítico Mário Pedrosa.

O crítico Frederico de Moraes reconhece em livro de 2013 a presença e importância desta tendência estética na obra de Arthur Bispo do Rosário, antigo interno Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira, complexo de saúde mental conhecido como “Colônia”, localizado na Taquara, Zona Oeste do Rio de Janeiro, local onde hoje se encontra o Museu Bispo do

Rosário Arte Contemporânea dedicado à preservação, conservação e difusão de sua obra cujo reconhecimento nacional e internacional já foi alcançado.

Arte Bruta ou Virgem, não importa o termo, diz respeito às manifestações espontâneas livres de normas e alheias ao sistema de Arte vigente. Estas manifestações ocorrem frequentemente em ambientes de isolamento como casas de saúde mental, reformatórios, prisões e outros locais nos quais os indivíduos estão privados de socialização. É comum também observarmos manifestações semelhantes em comunidades isoladas, culturas fechadas nas quais a relação com o sistema maior ou mais socializado é baixa. Isto pode ocorrer em comunidades pequenas e isoladas como as Quilombolas, por exemplo, ou em comunidades de forte apelo popular ou folclórica.

Atualmente a *Galerie ART CRU Berlin*, mantém um espaço contínuo de mostras dando oportunidade a pessoas portadoras de necessidades especiais, que desenvolvem trabalhos artísticos em Artes Visuais de dar visibilidade às suas obras.

Ainda no Brasil, é comum o uso do termo Primitivo ou Primitivista para se referir a obras que fogem ao padrão convencional e se posicionam na relação entre o popular, o folclórico e o Vernacular. Este segmento é reconhecido pela crítica e pelo mercado. Um dos mais famosos artistas neste contexto é José Antonio da Silva, cuja temática aborda o mundo rural e a crítica social.

Não se pode ignorar ou esquecer também as investidas de artistas brasileiros Modernistas neste campo de expressão no qual o apelo à arte popular e folclórica é explícita como no Movimento Pau Brasil do qual Tarsila do Amaral é uma de suas principais representantes, mas também podemos reconhecer esta postura nos trabalhos de Caribé, Kennedy Bahia e Genaro de Carvalho entre outros.

Neste sentido a Vernacularidade, tomada aqui pelo seu aspecto espontâneo é um referencial importante para a compreensão e entendimento destas manifestações que persistem no contexto da Arte Contemporânea.

Delineando o conceito de Vernacular na Arte Visual

A priori, pode-se entender a Vernacularidade como uma atividade cuja origem está na tradição da humanidade, anônima e constante, em consequência disso, é altamente dependente das habilidades artesanais e criativas de seus produtores, amparada pela disponibilidade de materiais e no desenvolvimento de meios produtivos típicos de cada região geográfica na qual está inserida. Ao surgir como algo original e espontâneo, faz com que a quantidade de manifestações cobertas por este conceito seja a mais diversificada possível, podendo ocorrer em vários campos de atuação humanos e também em diferentes períodos.

Ao mesmo tempo, tal nomenclatura se ocupa das tendências e manifestações originárias de culturas ancestrais de base nativa reconhecida historicamente pela tradição, como também acolhe aquelas de caráter espontâneo, encontradas nos diversos ambientes sociais, sejam eles núcleos isolados, étnica ou culturalmente, como também aqueles de apelo popular ou folclórico e de periferias urbanas.

Como foi dito, tais ocorrências podem se manifestar em diferentes campos, apenas para esclarecer podemos recorrer a exemplos próximos da Arte como o da Arquitetura e do Design.

Na Arquitetura se refere às construções cuja principal característica é a apropriação de recursos do meio no qual tais construções são realizadas, seja madeira, pedra, argila e o que mais estiver disponível no ambiente. Outro aspecto é que a forma, o estilo, decorre de soluções também próprias e não obtido mediante influência externa ou estranha àquele meio. Neste caso as construções dos povos indígenas, por exemplo, têm características Vernaculares na medida em que são anônimas e realizadas dentro de seu raio de existência apropriando-se de materiais do entorno.

As construções de pau-a-pique ou taipa, realizadas em esteios de madeira ou bambu, amalgamada com argila e palha, típicas das regiões isoladas do desenvolvimento urbano, também podem ser compreendidas dentro deste conceito de Vernacular.

No Design de Produto, muitos objetos criados pela humanidade ao longo do tempo, surgiram anonimamente e a partir do senso comum. Assim diversas ferramentas, instrumentos, armas e utensílios foram desenvolvidos sem a “assinatura” de um Designer.

No Design Gráfico também é comum o uso de certas tipografias recorrentes em impressos que circulam há muito sem que se tenha qualquer informação de sua origem ou autoria.

Tanto na Arquitetura quanto no Design de Produto ou Gráfico as situações aqui apontadas confirmam a espontaneidade criativa e a capacidade humana de inventar sem restringir-se a regras ou condutas pré-definidas.

Na Fotografia há também segmentos ditos Vernaculares quando os autores não estão vinculados aos procedimentos técnicos ou conceituais orientados pelo Sistema de Arte vigente, mas realizando seu trabalho dentro de seu ambiente familiar ou em passeios e eventos pessoais atuando de modo intuitivo e amador com recursos limitados ou precários sem apontar para os referenciais da Arte dita Erudita.

Na Arte Visual entendemos que a Vernacularidade está presente na medida em que revela ou se orienta por alguns destes pressupostos:

- Espontaneidade;
- Materiais alternativos;
- Técnicas não convencionais ou recorrentes;
- Instrumentos não usuais;
- Temática personalizada ou pessoal;
- Despreocupação com aspectos estéticos convencionais;
- Afastamento ou ignorância em relação ao sistema de Arte.

Assim sendo, as proposições dos artistas aqui citados correspondem no todo ou em parte a estas características, logo, tais manifestações apresentam ainda comportamentos de caráter Vernacular e, por consequência, respeitam os pressupostos artísticos revelados desde os primeiros momentos da história. Pode-se dizer então, a título de conclusão, que há ainda manifestações

artísticas na atualidade que guardam e revelam a essência estética fundamental da expressão artística: sua humanidade.

Referências

BRUNSKILL, R.W. **Illustrated Handbook of Vernacular Architecture**. London, Faber and Faber: 1971

OLIVER, Paul. **Encyclopedia of Vernacular Architecture of the World**. New York, Cambridge University Press: 1997.

PATTON, Carl V. **Spontaneous Shelter: International Perspectives and Prospects**. Philadelphia, Temple University Press: 1988.

VASCONCELOS, Marina da Costa Manso. **Quando a Psicoterapia Trava**. São Paulo, Summus: 2007.